

## **VIDA BOA E HISTÓRIA DE AMOR: DESÍGNIOS FEMININOS ANTE TURISTAS EUROPEUS NO NORDESTE BRASILEIRO**

Octávio Sacramento – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

### **1. Introdução**

O texto centra-se nas configurações passionais entre mulheres brasileiras e turistas europeus no bairro de Ponta Negra (Natal-RN, Nordeste brasileiro),<sup>1</sup> um contexto turístico onde se destaca uma extensa praia que vem ganhando projecção como destino balnear internacional desde finais do século xx (Furtado, 2008). Assumo como eixo de análise prioritário os múltiplos projectos femininos que pautam estes relacionamentos transnacionais, tendo sempre presente que, na esfera das relações íntimas, amor e dinheiro não são, forçosamente, elementos antinómicos (Adelman, 2011; Júnior, 2005; Zelizer, 2005). Mais ou menos associados a formas de mercantilização da intimidade, os envolvimento amorosos euro-brasileiros em Ponta Negra comportam interesses variados e voláteis para as mulheres que os protagonizam. O resultado é um segmento difuso de ambições económicas/materiais (*vida boa*) e de aspirações românticas, inscritas em diferentes escalas de tempo-espço, não limitadas ao efémero aqui e agora da experiência turística, e associadas, amiúde, a perspectivas de mobilidade para junto dos *gringos*<sup>2</sup> europeus.

Considerados no seu conjunto, estes formatos íntimos transnacionais evidenciam uma ambiguidade que torna praticamente impossível sinalizar-se uma demarcação indubitável entre o exercício da prostituição por parte das chamadas *garotas de*

1 Esta «transnacionalização da intimidade» (King, 2002) no espaço Atlântico constituiu o objecto de estudo do meu doutoramento em antropologia (Sacramento, 2014), no âmbito do qual pude contar com uma bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal (SFRH/BD/60862/2009). O centro em que desenvolvo trabalho como investigador efectivo – Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD-UTAD) – é financiado por Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto nº 006971 (UID/SOC/04011)]; e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.

2 Termo usado no Brasil e um pouco por toda a América Latina para denominar os estrangeiros, designadamente os ocidentais (Blanchette, 2001).

*programa*<sup>3</sup> e as «relações encantadas» (Bourdieu *et ál.*, 1963) de namoro e possível conjugalidade, fundadas em ideais românticos. Podemos observar situações idênticas em muitos outros cenários turísticos internacionais da América Latina e do Sudeste Asiático, onde os padrões de transacção da sexualidade são bastante fluidos e mutáveis, complexificando as fronteiras entre emoção e negócio e inviabilizando uma definição inequívoca do que se considera ser prostituição (Cabezas, 2004; Cohen, 2003; Hoefinger, 2013; Kummels, 2005).

A análise das expectativas e dos anseios que, da parte feminina, impulsionam a aproximação aos turistas europeus é ancorada num trabalho de campo multi-situado (Marcus, 1995) realizado em 2009/2010. Comecei a pesquisa em Ponta Negra — espaço etnográfico de referência — e, num segundo momento, dei-lhe continuidade em contextos do continente europeu (*v. g.* Milão, Turim, Aosta e Cesena, no Norte de Itália), acompanhando alguns dos meus principais informantes nas suas deslocações e estadias entre a Europa e o Brasil. No âmbito desta etnografia geograficamente dispersa, a observação participante e as entrevistas semi-dirigidas constituíram dois procedimentos centrais, proporcionando a indispensável profundidade de pesquisa empírica para assegurar, entre outros objectivos analíticos, uma compreensão densa dos quadros sociais e das disposições subjectivas em que ganham forma os desígnios femininos subjacentes ao envolvimento passional com os visitantes do Velho Continente.

## 2. Precariedades e encargos

As mulheres que participam nos espaços transatlânticos de intimidade em Ponta Negra, em comparação com os respectivos parceiros europeus, são bastante mais jovens, situando-se predominantemente no escalão etário dos 20 aos 30 anos<sup>4</sup>. A sua proveniência geográfica é diversa. Além das *nativas*, descendentes das populações de Ponta Negra, muitas outras são oriundas de diferentes zonas da cidade de Natal (sobretudo da *zona norte*) ou das suas imediações (*v. g.* Parnamirim), de vários pontos do Estado do Rio Grande do Norte e ainda de Estados mais ou menos próximos, com especial destaque para os da região nordestina (*v. g.* Paraíba, Pernambuco, Maranhão). A maioria das que moram a poucos quilómetros, ainda dentro da área metropolitana natalense, efectua regularmente viagens pendulares entre a área de residência e Ponta Negra. As que vêm de mais longe estabelecem-se aqui sazonal-

3 Designação comum no Brasil para as trabalhadoras sexuais, sendo o *programa* associado a «[...] actos explícitos de intercâmbios de serviços sexuais por dinheiro, envolvendo práticas e períodos de tempo delimitados, que podem ter diferentes valores, dependendo da modalidade e do estilo da prostituição e do local no qual os encontros têm lugar» (Piscitelli, 2011: 547).

4 A escolha de homens mais velhos (*coroas*) é uma característica da organização da intimidade frequente no Brasil desde a época colonial (Berquó, 1998), em particular entre mulheres das classes populares (Goldstein, 2003; Veissière, 2011), como a maioria daquelas que acompanhei ao longo do trabalho de campo. No entender destas, os parceiros com mais 10, 15 ou até 20 anos proporcionam-lhes, em princípio, uma garantia acrescida de fidelidade e de estabilidade económica e familiar.

mente, acompanhando os períodos da alta estação turística, durante os quais trabalham em actividades de temporada (em hotéis, bares, restaurantes, lojas de roupa e artesanato)<sup>5</sup> ou, como acontece mais amiúde, aproveitam as muitas oportunidades de convivência íntima com os turistas para assegurar proventos bastante consideráveis e, ao mesmo tempo, avaliar novas perspectivas de vida. Neste último caso, é bastante frequente a sua itinerância entre diferentes contextos do litoral nordestino, conforme as oscilações nos fluxos turísticos. Na baixa estação, com o decréscimo de estrangeiros, quase todas elas regressam a casa e aí permanecem durante alguns meses com a família, ou aproveitam para passar uma temporada na Europa, junto de *gringos* que conheceram em Ponta Negra e com quem estabeleceram relações em que vislumbram algumas perspectivas de continuidade.

O turismo é o grande estímulo da afluência feminina ao bairro, por via dos postos de trabalho que cria de forma directa e indirecta e, acima de tudo, pelo facto de proporcionar condições potencialmente atractivas ao exercício do sexo mercantil e à concretização de outros arranjos passionais ambicionados. Explicitando inequivocamente esta atracção, uma das entrevistadas dizia-me: *Porque acha que tou aqui?! As praias de Recife [Estado de Pernambuco] têm poucos turistas. Se tivesse muitos como aqui, eu estaria lá, perto de minha filha!* (brasileira, 30 anos, faz programas). Um pouco por todo o mundo, a massificação turística funciona como factor de convergência e produz densos quadros de convivência entre forasteiros e locais (Boissevan, 2006; Simoni, 2009; Smith, 1989), sendo que aí se incluem as relações íntimas. À semelhança de outras deslocações masculinas globais (*v.g.* militares, laborais), a afluência de turistas europeus a Ponta Negra, oriunda sobretudo da Europa Mediterrânica, em especial de Itália, tem grandes repercussões no modo como algumas mulheres locais gerem os seus projectos pessoais. Os contactos com os *gringos* proporcionam-lhes opções de escala transnacional e, como tal, uma ampliação considerável das possibilidades de concretização de determinadas expectativas de vida.

Embora muito associados à mercantilização da sexualidade, os relacionamentos em causa não estão limitados ao campo da prostituição. Neles participam mulheres com trajectos e situações sociais relativamente semelhantes. À excepção de uma pequena parte detentora de algum capital escolar que exerce actividades profissionais um pouco mais qualificadas e, por isso, não depende (tanto) das *ajudas do europeu*, as restantes encontram-se à margem do mercado de trabalho formal ou em situações precárias, auferindo baixos salários e sem perspectivas de estabilidade e progressão profissional. Por vezes, trabalham em restaurantes, lojas comerciais ou como empregadas domésticas sem a *carteira assinada*, ou seja, sem qualquer reconhecimento legal do exercício da actividade. No trabalho doméstico, em particular, são frequentes os pagamentos inferiores ao salário mínimo (R\$510 [€209] em 2010). Algumas beneficiam do programa federal Bolsa Família, do Ministério do Desenvol-

5 Existe mesmo uma tendência de feminização do trabalho no sector do turismo (Barretto, 2003), o que poderá ser explicado pelas características e condições laborais de muitas das funções ligadas à actividade turística.

vimento Social e Combate à Fome (MDS). Através deste mecanismo de protecção social acedem a um apoio financeiro que, em 2010, podia variar entre R\$32 e R\$306 (€13 e €125), em função da composição, características e rendimentos do agregado familiar<sup>6</sup>.

Em situação de acentuada precariedade profissional e económica, a larga maioria destas mulheres encara o relacionamento com o turista como uma forte alternativa a considerar no balanço de possíveis estratégias socioeconómicas a seguir, tendo em vista superar um destino que as próprias sabem estar subjugado à tirania da escassez material. Além de que a alternativa em causa não é, necessariamente, percebida pelas próprias como prostituição. Recordo com especial impressão as mensagens telefónicas (SMS) enviadas por uma das minhas informantes (28 anos, desempregada, mãe de três filhos) a pedir-me auxílio depois de ser despedida da pizzaria onde trabalhava. Assumindo que eu conheceria muitas pessoas na praia, começou por solicitar ajuda na procura de emprego e, logo depois, bastante angustiada, intermediação para eventual relação de namoro com um turista:

- Amigo vc no sab ond tem alguem q queira pra fazer alguma coisa ate pra faxina? Tou passando dificuldade... (SMS, 15/03/2010).
- Tudo pra mi ta difícil... Silvano [turista italiano com quem teve um *affair* de uma semana] sumiu, não mi deu mas noticia. Mi dar vontade d si matar. Precisando d comida, d pagar dividas, nao tem nem um italiano com dinheiro q mi apresent? (SMS, 16/03/2010).

O envolvimento com um homem que a pudesse ajudar economicamente não é, no seu entender, equivalente a *programa*, nem faz de si uma *garota de programa*. Acabaria por arranjar um trabalho como empregada doméstica a cerca de 20 km de Natal, em Pirangi, abandonando-o passadas algumas semanas, devido ao baixo salário (na ordem dos R\$250 [€102]) e ao facto de ter de ficar muitos dias sem ver os pais e os seus filhos na *zona norte* da cidade. Entretanto foi regressando pontualmente à praia à procura de emprego e, também, na expectativa de encontrar o *gringo certo*, junto do qual pudesse encontrar estabilidade sentimental e material.

No Brasil e em muitos outros países, o desemprego, o emprego precário e a baixa renda são problemas que afectam com especial severidade as mulheres (Araújo e Scalón, 2005; Lavinas, 1996; Lucas e Hoff, 2008), mormente aquelas (*v.g.* negras e mestiças) que melhor corporizam os imaginários de subalternidade racial e classista (Goldstein, 2003). Como realçam Lucas e Hoff (2008: 145), «enquanto a renda no Brasil é simbólica e materialmente masculina, a pobreza tem um rosto feminino». Estes problemas de acentuada vulnerabilidade material ganham ainda maior proporção quando as mulheres são chefes de família, como é o caso da generalidade das minhas informantes. Integrando estruturas familiares matrifocadas e beneficiando de

<sup>6</sup> Dados mais pormenorizados sobre os fundamentos, organização e impactos do Bolsa Família poderão ser encontrados nos trabalhos de Lavinas, Cobo e Veiga (2012), Mariano e Carloto (2011) e Senna et ál. (2007).

pouca ou nenhuma ajuda de ex-companheiros, assumem quase por inteiro o cuidado dos filhos. E mesmo quando beneficiam do apoio social do Bolsa Família, são elas que, geralmente, assumem os encargos de contratualizar o acesso ao programa e de responder perante as suas respectivas regras e condicionantes, o que configura uma situação de manifesta «feminização da responsabilidade» (Chant, 2008)<sup>7</sup>. Nestas condições «[...] as mulheres chefes de família enfrentam dificuldades suplementares ao terem que administrar a sua dupla participação nas esferas da produção e da reprodução, em condições desfavoráveis quando comparadas aos homens que também são chefes de domicílio [...]» (Macedo, 2008: 397-398).

É neste quadro social de sobreposição de encargos produtivos e reprodutivos que se encontra a esmagadora maioria das mulheres que se relaciona com os turistas em Ponta Negra. São pouquíssimas aquelas que não têm filhos. Por outro lado, ainda jovens, na casa dos 20 anos, são muitas as que já têm dois ou mais, um ou outro *filho do gringo*. Enquanto mães e chefes de família beneficiam quase sempre do apoio da rede de parentes, sobretudo no que diz respeito ao cuidado dos filhos. Todavia, a sua integração nestes circuitos de reciprocidade familiar de dar, receber e retribuir no seio da «família-parentela-estendida» (Machado, 2001: 20) impõe-lhes, igualmente, o dever moral de contribuir, no imediato ou de forma diferida, para o esforço económico do seu espaço familiar; obrigação que é acrescida no caso daquelas mulheres com namorados ou companheiros estrangeiros. Além dos filhos, os encargos femininos estendem-se, assim, ao respectivo grupo de parentesco, onde se incluem os parentes próximos e alguns mais distantes. Isto significa que as necessidades e expectativas da parentela são factores quase sempre ponderados na definição dos seus respectivos planos de vida, em particular no que diz respeito a estratégias de reprodução socioeconómica.

Os vínculos de intimidade com os turistas, seja num formato mais estritamente comercial (em que há pagamento directo) ou num registo mais próximo da relação romântica, constituem um importante suporte económico para a larga maioria destas mulheres, inclusive para aquelas que já têm acesso a outros meios de subsistência. Mesmo que não recebam uma remuneração explícita, há sempre muitos outros benefícios materiais e *ajudas* que acabam por obter dos *gringos*. Estes proveitos constituem, assim, uma forma de compensar a ausência de rendimento salarial ou de complementar o magro ordenado auferido num qualquer trabalho precário. Ao mesmo tempo, podem representar a oportunidade de ascensão a um nível de vida pautado por manifestações de consumo estatutário que assumem papel de grande

<sup>7</sup> Veja-se, ainda, Mariano e Carlotto (2011), Meyer, Klein e Fernandes (2012) e Molyneux (2006) sobre a tendência de feminização e maternalismo que perpassa muitas das políticas sociais de luta contra a pobreza. É justamente desta situação que nos fala Molyneux (2006: 438), destacando que «[...] such programmes in effect reinforce the social divisions through which gender asymmetries are reproduced». A par deste reforço das assimetrias de género, as políticas de transferência de renda condicionada como o Bolsa Família, pese embora as suas inúmeras virtudes, responsabilizam prioritariamente as mulheres pelo cumprimento de vários requisitos (v.g. nos domínios da educação e saúde dos filhos) e, desse modo, acentuam as suas já extensas e pesadas obrigações (Sacramento, Silva e Gonçalves, 2014).

destaque nos processos de integração social e de afirmação da cidadania (Canclini, 1996). Para uma ou outra dentre as mais jovens configuram, ainda, a possibilidade de apostar na formação académica e, desse modo, enveredar por estratégias de reprodução social que não são propriamente acessíveis às classes populares. Em casos menos frequentes, sobretudo entre mulheres um pouco mais velhas, as relações com os turistas permitem-lhes superar situações inesperadas de quebra acentuada de rendimentos e assegurar liquidez para as despesas correntes e a manutenção de determinados hábitos de consumo.

### 3. Intimidade transnacional e aspirações femininas

As relações passionais euro-brasileiras em Ponta Negra revelam configurações diversas e relativamente ambivalentes. Grande parte, pelo menos na sua génese, está associada à prostituição, tendo por base uma contratualização mais ou menos declarada que implica o pagamento da prestação de serviços sexuais<sup>8</sup>. As demais relações, com uma expressão todavia considerável, constituem-se fora do âmbito estrito do meio prostitucional e correspondem a modelos sócio-afectivos relativamente comuns nos dois lados do Atlântico. A procura deliberada de companheiros europeus por parte de mulheres que assumem os *programas* como principal actividade de subsistência e de outras jovens (atraídas pela suposta prosperidade económica do estrangeiro) ajuda, desde logo, a explicar o predomínio de vínculos que, mais directamente, se inscrevem em quadros e dinâmicas mercantis.

Do sexo comercial à paixão romântica, a distância é curta e dúbia. Os próprios *programas* evidenciam constituições contingenciais e flutuantes, congregando (ou oscilando entre) elementos económicos e afectivos —«between love and money» (Cabezas, 2004)—. Não representam expressões de intimidade monolíticas e estáticas, como de resto é destacado pela generalidade dos autores que têm trabalhado sobre o tema, nomeadamente no Brasil (Piscitelli, Assis e Olivar, 2011). Não são única e/ou permanentemente transacções de matriz mercantil. Além das muitas nuances e interesses que incorporam em simultâneo, eles estão sujeitos a mutações que podem ditar a sua conversão em vínculos substancialmente distintos. Muitas relações que se iniciam como *programa*, baseadas no pagamento masculino enquanto condição de satisfação dos interesses financeiros femininos mais imediatos, evoluem no sentido de outros interesses (*v. g.* sentimentais, familiares) e culminam em formas de intimidade mais consistentes e duradouras, como o convencional namoro e, não raro, a aliança conjugal.

A evolução no sentido do namoro pressupõe algumas mudanças na gestão da intimidade e nas suas diferentes manifestações. Ao mesmo tempo, a componente monetária inicial atenua-se, transfigura-se e deixa de operar como contrapartida

<sup>8</sup> Para um conhecimento mais detalhado das circunstâncias, processos e práticas subjacentes à contratualização de serviços sexuais em Ponta Negra, veja-se Sacramento (2014: 213-218).

manifesta da companhia feminina. Todavia, esta desmonetização não significa que as mulheres em causa abandonem por completo os seus interesses económicos e passem a orientar-se apenas em função de expectativas passionais. Elas abdicam de remuneração, mas não deixam de assegurar ajudas financeiras pontuais e outras formas de compensação material: móveis ou electrodomésticos para a casa, vestuário, bens alimentares, material escolar para os filhos, telemóvel, pagamento da renda de casa, entre outras. Mesmo depois de regressarem à Europa, alguns namorados deixam que elas permaneçam nos apartamentos de que são proprietários (ou arrendatários) em Ponta Negra e outros enviam-lhes periodicamente quantias que, *grosso modo*, podem ascender a mais de um salário mínimo brasileiro.

A vertente mais especificamente material dos seus relacionamentos transnacionais é assumida pelas próprias com bastante à-vontade, tal como nota Kummels (2005) para o contexto cubano. À luz dos (seus) valores de género predominantes, é natural que assim seja, pois *ajudar* economicamente a mulher é uma responsabilidade masculina. Homem que não *ajuda* é, depreciativamente, chamado de *cafuçu* (rude, machista, insensível). A noção do companheiro como aquela pessoa que deverá assumir a função de provedor recolhe localmente considerável adesão. Esta é uma orientação que não se aplica apenas aos estrangeiros, estando presente também em relações com homens brasileiros. Ela expressa imperativos de género hegemónicos em determinados estratos sociais que evocam uma cultura de teor patriarcal na qual o homem está sujeito à obrigação de assegurar os gastos da respectiva companheira, recaindo sobre si o dever de a *bancar* (Ribeiro e Sacramento, 2006)<sup>9</sup>. Ao mesmo tempo veicula, em certa medida, uma representação da mulher como valor ao qual nem todos têm capacidade de aceder. Daí a recorrência com que ouvia as minhas informantes de Ponta Negra a repetir, orgulhosamente, o aforismo *Mulé'* [mulher] *não tem quem quer; mulé' só tem quem pode!*. Nesta expressão está bem patente a ideia da intimidade (também) como espaço de lógicas materiais —que não excluem, necessariamente, as idealizações de paixão e romance— vinculadas a determinadas responsabilidades do que é ser homem.

A associação entre a identidade masculina e a obrigação de *bancar* torna-se ainda mais vinculada quando estão em causa indivíduos europeus, imaginados como financeiramente afluentes. A nacionalidade funciona aqui como factor de reforço das atribuições de género, contribuindo para a persistência da prática de *bancar* em relações transnacionais situadas fora do contexto dos *programas*, envoltas em práticas e ideologias românticas e nas quais é frequente a preocupação feminina em construir uma identidade o mais próxima possível do modelo, socialmente virtuoso, da *moça de família*. O caso de uma das minhas entrevistadas (brasileira, 34 anos) é elucidativo. Há mais de 10 anos que namora com um italiano (74 anos) que conheceu em Ponta Negra, numa altura em que trabalhava como *garçone* num restaurante da

<sup>9</sup> O modelo do homem-provedor tem ainda uma expressão muito significativa no Brasil, em especial entre as classes populares (Victoria e Knauth, 2004:88). *Bancar* a mulher permite ao homem reivindicar um acesso exclusivo à sua intimidade.

praia. Ela continua a morar em Natal e ele em Itália, embora se reencontrem a cada dois ou três meses. Desde que começaram a namorar, ela deixou de trabalhar e todos os meses recebe do companheiro uma quantia que afirma ser bastante superior ao ordenado que antes recebia, permitindo-lhe uma vida desafogada e boas perspectivas para o futuro dos dois filhos de uma anterior relação. No seu discurso assume, sem grandes rodeios, a grande importância que o dinheiro representa para si e, em simultâneo, destaca a dimensão afectiva da sua relação. Como se os interesses materiais e sentimentais de algum modo se (con)fundissem, inviabilizando uma efectiva delimitação recíproca e mostrando-nos os cruzamentos das lógicas da economia e da intimidade (Adelman, 2011; Rebhun, 2007).

Se é certo que as expectativas de *vida boa* assumem destacada relevância na grande maioria das configurações euro-brasileiras de intimidade, inclusive em muitas daquelas que seriam apenas por amor, é necessário ter em consideração que o complexo de interesses das mulheres locais pelos *gringos* vai além do económico, integrando aspirações que remetem para características etno-sexuais, de género e romantismo que crêem não encontrar entre os homens brasileiros. Isto é válido mesmo para as relações mais declaradamente mercantilizadas. Entrevistando uma jovem de 24 anos que habitualmente fazia *programas*, ela começou por justificar a sua preferência por estrangeiros em detrimento de brasileiros invocando diferenças de «cultura sexual» (Parker, 1991). No seu discurso, a alegada homocentralização do prazer que orienta o comportamento sexual dos seus concidadãos não estará presente, pelo menos de modo tão acentuado, entre os europeus, mais preocupados em democratizar o prazer com a parceira: *Os brasileiros são egoístas no sexo. Vêm a mulher como objecto de sua satisfação. Atingem o orgasmo e não querem nem saber se a mulher está satisfeita ou não. Os europeus prestam mais atenção na mulher.* Continuando a fundamentar a sua maior atracção por *gringos*, recorre, logo de seguida, a critérios de exotismo físico-cromático: *Eu gosto de homens altos, claros, de nariz fino e olhos azuis... olhos claros! Esse homem aí é diferente de mim, ele me complementa. Um brasileiro é igual a mim, tem a minha cor* [ela é mestiça]. A preferência por companheiros brancos pode ser entendida como uma procura de afirmação da sua própria identidade, em linha com o sugerido por Goldstein (2003: 123): «[...] the seduction of a lighter-skinned man may actually also serve to empower them in a culturally meaningful way, since the seduction requires a self-representation that emphasizes the heightened erotic powers of black sensuality».

Além destes aspectos de ordem etno-sexual e fenotípica como justificações extra-materiais para a participação em espaços transnacionais de intimidade são invocados quase sempre quadros de género e romantismo em que se contrastam, enfaticamente, as masculinidades das duas margens do Atlântico. O *homem brasileiro* (em particular, o nordestino) tende a ser retratado pelas mulheres de forma negativa como machista, *raparigueiro* (mulherengo, infiel), *grosso* (rude, insensível, pouco romântico) e egoísta, ou seja, alguém que *só quer sair fazendo filho e não tá nem aí para ajudar a criar*, como ouvia reiteradamente. Por contraposição, o *homem*

*européu* é associado a um imaginário em que a paridade de género, a preocupação com a família, o cavalheirismo, a aura romântica e a modernidade relacional surgem como referências centrais<sup>10</sup>, ao ponto de ser comum ouvir-se-lhes que *é melhor ser puta de um europeu do que esposa de um brasileiro*. Recordo, por exemplo, uma jovem de 19 anos —veio de João Pessoa (Paraíba) para fazer *programas* em Ponta Negra— dizer-me que, mesmo que um brasileiro lhe proporcionasse estabilidade financeira, jamais casaria com ele, pois *brasileiro é todo igual: infiel, machista e sempre desconfiando da mulher. Para ele, a mulher não pode nem olhar para um homem, mas ele está sempre olhando e paquerando [seduzindo] outras!* É caso para dizer que o dinheiro não é o único interesse destas mulheres, tal como não o é das imigrantes sul-americanas, asiáticas e africanas de que nos falam Riaño e Baghdadi (2007: 41) para o contexto suíço: «Le désir des femmes d'entretenir des relations de couple plus égalitaires constitue également un motif important dans le choix d'un partenaire étranger».

As representações dominantes do *homem europeu*, bem como as qualificações positivas que tendem a estar-lhes associadas, expressam subjectividades indicadoras dos modelos de masculinidade e de aliança e família mais pretendidos pelas mulheres locais. Nestes modelos não têm grande acolhimento muitas das práticas de género que associam ao *homem brasileiro*. Em sentido oposto, o estrangeiro configura, aos seus olhos, a hipótese de concretização de interesses de intimidade (*v.g.* envolvimento romântico, respeito, partilha, protecção, igualdade, estabilidade sentimental) amplamente ambicionados e, assim, a possibilidade de perseguir o tão desejado «conto de fadas» (Rosa, 2000). Para elas, a aspiração máxima é encontrar um *príncipe encantado* que lhes proporcione *vida boa* e romance, os seus principais e mais imediatos interesses.

#### 4. Epílogo

Os trajectos e as condições de vida das mulheres que apresentei ao longo deste texto impõem-lhes, como a tantas outras em todo o mundo, uma preocupação omnipresente com os seus meios de subsistência e os dos respectivos agregados familiares. Por isso, seja com o homem estrangeiro ou com o nacional, seja no âmbito mais específico dos *programas* ou de relações ditas *normais* ou *por amor*, os interesses materiais estão, inevitavelmente, presentes enquanto componentes intrínsecos da esfera íntima. Embora assumam uma relevância inquestionável, as circunstâncias

<sup>10</sup> Noções semelhantes estão presentes noutros contextos brasileiros (Piscitelli, 2007; Rosa, 2000), entre mulheres imigrantes na Suíça (Riaño e Baghdadi, 2007), entre imigrantes brasileiras em Portugal (Lima e Togni, 2012), na imaginação de homens alemães por parte de trabalhadoras sexuais dominicanas (Brennan, 2004), nos discursos de cubanas e brasileiras a justificar a preferência por companheiros espanhóis (Roca et ál., 2008) e nas fantasias que mulheres de países do Sudeste asiático produzem sobre os ocidentais (Constable, 2005). Na generalidade destes casos, depois de estadias na Europa e de experiências de convivência mais prolongadas com homens europeus, as projecções femininas iniciais alteram-se, por vezes de forma bastante pronunciada.

económicas e familiares não esgotam os quadros de razões e desejos em que emergem os relacionamentos com os europeus, independentemente da respectiva configuração. Através dos seus discursos e práticas, estas mulheres deixam perceber que, além de situações de precariedade pessoal e familiar, há também questões de género e intimidade que assumem particular importância nas suas opções amorosas. Desde logo, a profunda insatisfação face aos relacionamentos com o *homem brasileiro*, a quem atribuem procedimentos incompatíveis com as aspirações fundamentais dos seus projectos de aliança e família, e a perspectiva de encontrar junto do *homem europeu* o cavalheirismo e o sentido de compromisso fundamentais à construção da idealizada história de amor.

Os desígnios femininos ante os turistas europeus em Ponta Negra são multifacetados e complexos. Na esfera mais específica da sexualidade mercantil, as *garotas de programa* não se regem apenas e só por imperativos monetários, por ter uma *vida boa*, ou por objectivos unicamente relacionados com uma eventual mobilidade migratória para a outra margem atlântica. Tal como, em sentido inverso, as intituladas *moças de família*, socialmente percebidas como estando nos antípodas daquelas, não são movidas sempre e só pelo desejo de romance. A narrativa romântica e as perspectivas de conjugalidade, para as primeiras, e as possibilidades de prosperidade e de viver numa geografia desejada como a Europa, para as segundas, são expectativas que, de um modo geral, também permeiam os seus relacionamentos transnacionais. O antagonismo entre umas mulheres e outras situa-se, sobretudo, no campo da ideologia de género, pois os seus propósitos e, inclusive, algumas estratégias de intimidade não são assim tão divergentes como se poderia pressupor a partir das respectivas etiquetas identitárias. Ainda que socialmente situadas em distintos quadrantes morais, ambas tendem a perspectivar e a conduzir as relações com os *gringos* a partir de um conjunto mais ou menos comum de intuítos materiais, passionais, conjugais e familiares. Nesta «poética e política do amor» (Adelman, 2011), os projectos de intimidade e os projectos económicos intersectam-se de forma densa e dinâmica, em geometria e proeminência variáveis, povoando as disposições subjectivas femininas que impelem no sentido da construção dos espaços passionais transatlânticos.

## 5. Bibliografia

- ADELMAN, M. (2011). Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados, *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, 1(2), pp. 117-138.
- ARAÚJO, C. y SCALON, C. (eds.) (2005), *Gênero, família e trabalho no Brasil*, FGV, Rio de Janeiro.
- BARRETTO, M. (2003). O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo, *Horizontes Antropológicos*, 9(20), pp. 15-29.
- BERQUÓ, E. (1998). Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica, in SCHAWRCZ, L. (ed.), *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, Companhia das Letras, São Paulo, pp. 411-438.

- BLANCHETTE, T. (2001). *Gringos*, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro (dissertação de mestrado).
- BOISSEVAIN, J. (2006). Coping with mass cultural tourism: structure and strategies, *Gazeto Internacia de Antropologio* [online], 1, 2-12. Disponível em: <<http://antropologia.umh.es/GIA/index.htm>> (acesso em 02-06-2013).
- BOURDIEU, P. et al. (1963). *Travail et travailleurs en Algerie*, Mutton, Paris.
- BRENNAN, D. (2004). *What's love got to do with it? Transnational desires and sex tourism in the Dominican Republic*, Duke University Press, Durham e Londres.
- CABEZAS, A. (2004). Between love and money: sex tourism and citizenship in Cuba and the Dominican Republic, *Signs - Journal of Women in Culture and Society*, 29(4), pp. 987-1015.
- CANCLINI, N. G. (1996). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, UFRJ, Rio de Janeiro.
- CHANT, S. (2008). The «feminization of poverty» and the «feminization» of anti-poverty programs: room for revision?, *Journal of Development Studies*, 44(2), pp. 165-197.
- COHEN, E. (2003). Transnational marriage in Thailand: the dynamics of extreme heterogamy, in BAUER, T. y MCKERCHER, B. (eds.), *Sex and tourism: journeys of romance, love and lust*, Haworth Press, Nova Iorque, pp. 57-81.
- CONSTABLE, N. (2005). Introduction: cross-border marriages, gendered mobility, and global hypergamy, in CONSTABLE, N. (ed.), *Cross-border marriages: gender and mobility in transnational Asia*, University of Pennsylvania Press, Filadélfia, pp. 1-16.
- FURTADO, E. (2008). *A onda do turismo na cidade do sol: reconfiguração urbana de Natal*, EDUFRRN, Natal.
- GOLDSTEIN, D. (2003). *Laughter out of place: race, class, violence, and sexuality in a Rio Shantytown*, University of California Press, Berkeley.
- HOEFINGER, H. (2013). *Sex, love and money in Cambodia: professional girlfriends and transactional relationships*, Routledge, Abingdon e Nova Iorque.
- JÚNIOR, E. L. (2005). Amor, sexo e dinheiro: uma interpretação sociológica do mercado de serviços sexuais, *Política & Sociedade*, 4(6), pp. 165-193.
- KING, R. (2002). Towards a new map of European migration, *International Journal of Population Geography*, 8(2), pp. 89-106.
- KUMMELS, I. (2005). Love in the time of diaspora. Global markets and local meanings in prostitution, marriage and womanhood in Cuba, *Iberoamericana*, 5(20), pp. 7-26.
- LAVINAS, L. (1996). As mulheres no universo da pobreza: o caso brasileiro, *Estudos Feministas*, 4(2), pp. 464-479.

- LAVINAS, L., COBO, B. y VEIGA, A. (2012). Bolsa Família: impacto das transferências de renda sobre a autonomia das mulheres pobres e as relações de gênero, *Revista Latinoamericana de Población*, 6(10), pp. 31-56.
- LIMA, A. P. y TOGNI, P. (2012). Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero, *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, 16(1), pp. 135-144.
- LUCAS, L. y HOFF, T. (2008). Formas sutis de dominação hierarquizada: corpo e feminização da pobreza, *Ex æquo*, 17, pp. 133-154.
- MACEDO, M. (2008). Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza, *Caderno CRH*, 21(53), pp. 389-404.
- MACHADO, L. (2001). Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil, *Interface- Comunicação, Saúde, Educação*, 4(8), pp. 11-26.
- MARCUS, G. (1995). Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography, *Annual Review of Anthropology*, 24(1), pp. 95-117.
- MARIANO, S. y CARLOTO, C. (2011). Gênero e combate à pobreza no programa Bolsa Família, in BONETTI, A. y ABREU, M. (eds.), *Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil*, Ipea, Brasília, pp. 61-78.
- MEYER, D., KLEIN, C. y FERNANDES, L. (2012). Noções de família em políticas de «inclusão social» no Brasil contemporâneo, *Estudos Feministas*, 20(2), pp. 433-449.
- MOLYNEUX, M. (2006). Mothers at the service of the new poverty agenda: a Progresal/ Oportunidades, Mexico's conditional transfer programme, *Social Policy & Administration*, 40(4), pp. 425-449.
- PARKER, R. (1991). *Bodies, pleasures and passions: sexual culture in contemporary Brazil*, Beacon Press, Boston.
- PISCITELLI, A. (2011). Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais, in PISCITELLI, A., ASSIS, G. y OLIVAR, J. (eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*, Unicamp/Pagu, Campinas, pp. 537-582.
- PISCITELLI, A. (2007). Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do «turismo sexual» internacional, *Estudos Feministas*, 15(3), pp. 717-744.
- PISCITELLI, A., ASSIS, G. y OLIVAR, J. (eds.) (2011). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*, Unicamp/Pagu, Campinas.
- REBHUN, L. A. (2007). The strange marriage of love and interest: economic change and emotional intimacy in Northeast Brazil, in PADILLA, M. et ál. (eds.), *Love and globalization: transformations of intimacy in the contemporary world*, Vanderbilt University Press, Nashville, pp. 106-120.

- RIANO, Y. y BAGHDADI, N. (2007). Je pensais que je pourrais avoir une relation plus égalitaire avec un Européen. Le rôle du genre et de l'imaginaire géographique dans la migration des femmes, *Nouvelles Questions Féministes*, 26(1), pp. 38-53.
- RIBEIRO, F. B. y SACRAMENTO, O. (2006). Sexo, amor e interesse entre *gringos* e *garotas* em Natal, *Cronos-Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*, 7(1), pp. 161-172.
- ROCA, J. et ál. (2008). *Amor importado, migrantes por amor: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España* [online]. Madrid, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales-Instituto de la Mujer. Disponível em: <[http://www.migualdad.es/mujer/mujeres/estud\\_inves/766.pdf](http://www.migualdad.es/mujer/mujeres/estud_inves/766.pdf)> (acesso em 19-04-2014).
- ROSA, R. (2000). Vivendo um conto de fadas: o imaginário de gênero entre cariocas e estrangeiros, in GOLDENBERG, M. (ed.), *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*, Record, Rio de Janeiro, pp. 147-183.
- SACRAMENTO, O. (2014). *Atlântico passionnal: mobilidades e configurações transnacionais de intimidade euro-brasileiras*, ISCTE-IUL, Lisboa (tese de doutoramento). Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8790>> (acesso em 13-05-2015).
- SACRAMENTO, O., SILVA, P. y GONÇALVES, H. (2014). Women's burdens: exploratory analysis on matrifocality, (re)production and social protection in Douro region, Portugal, *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 161, pp. 156-162.
- SENNA, M. et ál. (2007). Programa Bolsa Família: nova institucionalidade no campo da política social brasileira?, *Revista Katálisis*, 10(1), pp. 86-94.
- SIMONI, V. (2009). *Touristic encounters in Cuba: informality, ambiguity, and emerging relationships*, Metropolitan University Leeds, Leeds (tese de doutoramento).
- SMITH, V. (ed.) (1989 [1977]). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*, University of Pennsylvania Press, Filadélfia.
- VEISSIÈRE, S. (2011). *Ghosts of empire: sex, mobility, and violence in the transatlantic cultural economy of desire*, LIT Verlag, Berlin.
- VICTORIA, C. y KNAUTH, D. (2004). Corpo, gênero e saúde: a contribuição da antropologia, in STREY, M. y CABEZAS, S. (eds.), *Corpos e subjectividades em exercício interdisciplinar*, EDIFUCRS, Porto Alegre, pp. 81-91.
- ZELIZER, V. (2005). *The purchase of intimacy*, Princeton University Press, Princeton.